

# Artur Portela

## A Guerra da Meseta

Dom Quixote

O livro *A Guerra da Meseta*, de Artur Portela, pertence a todos os tempos. «Porque esta guerra vem lá do fundo. Do fundo do tempo e do fundo de nós. E prolongar-se-á em outras guerras». Uma inteligente metáfora sobre o mundo, sendo que na “fantástica” República da Istmânia, palco desta ficção, pode encontrar-se um sinónimo: Portugal. Esse o terreno fecundo que há meio século distingue o universo criativo do jornalista e escritor exímio na frase curta, no registo irónico. Um estilo directo e desassombrado, o mesmo timbre com que sempre marcou o jornalismo.

Narrativa dinâmica, fílmica, ênfase conseguida na repetição da palavra, da ideia, *A Guerra da Meseta* tem o historiador Max como protagonista. Uma repórter contacta-o, pretende desvendar pormenores de fotografias da guerra que o pai de Max reportou para o jornal *Heralbd*. O romance de Artur Portela não se ocupa, porém, do teatro bélico. O fio condutor é a memória (vivências do autor, filho de um jornalista inesquecível de quem herdou o nome e saberes). Do olhar da infância até ao sentir da idade e da doença, a personagem revela-nos uma sociedade sujeita à repressão, à Censura, com o retrato de Ductor (leia-se Salazar) por todo o lado. Mas este romance, mais do que um painel político-social, mais do que o enlouquecido general Sabre a querer «capturar Deus» e a mandar fuzilar «todos os jornalistas», é uma obra fascinante em torno da psicologia familiar, das crianças em particular. Realçamos a tensão romanesca (a eterna filosofia do Bem e do Mal) que envolve a brincadeira dos irmãos Chich (dez anos) e Max (quatro). Num duelo

com espadas de madeira, o mais velho cega o outro. A culpa, o medo e o estigma instalam-se. Chich foi para os avós. Um dia, Max vê Chich em casa dos avós. Ele que tanto ouvira a pergunta «percebeste?», percebe então: «Os mais velhos são maiores porque não choram. (...) Só ele, Max, é que podia chorar. E no entanto Chich estava a chorar. (...) Estava a chorar muito calado. (...) E Chich pôs-se a comer a lágrima, a apanhá-la com o lábio de baixo, depois a comê-la. E enquanto comia a lágrima, soluçava.»

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

Nota: Artur Portela está presente neste sítio com um texto de homenagem a seu pai homónimo e também jornalista notável (secção Registos )

Ler em:

[http://www.casaldasletras.com/maria\\_Registos.html](http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html)